A CONSTITUIÇÃO DA COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO DO IGAPÓ AÇU E A CONSTRUÇÃO DOS SABERES LOCAIS

Mônica Suani Barbosa da Costa[1]
Therezinha de Jesus Pinto Fraxe[2]
Marília Gabriela Gondim Rezende[3]

Resumo

A comunidade São Sebastião do Igapó Açu está localizada dentro da Unidade de Conservação Reserva de Desenvolvimento Sustentável Igapó Açu (RDS Igapó Açu), localizada na rodovia BR 319, nos municípios de Borba, Manicoré e Beruri. Dessa forma, o objetivo desse artigo foi descrever os aspectos históricos da comunidade São Sebastião do Igapó Açu. A metodologia utilizada na pesquisa foi a de estudo de caso. Na prática de coleta de dados foram aplicados os formulários socioeconômico objetivando a realidade da estrutura familiar, suas principais atividades produtivas, comercialização do produto, assistência técnica, forma de trabalho, entre outras considerações. A partir dos resultados apresentamos uma retrospectiva histórica da comunidade. O surgimento, seu modo de vida, suas manifestações culturais, os moradores mais antigos e os mais recentes, suas perspectivas de futuro e suas atividades de renda, principalmente, a coleta, preparo e venda da castanha-do-brasil. É fundamental a descrição e análise das inter-relações entre as atividades de subsistência e a manutenção da sustentabilidade florestal.

Palavras-chaves: Populações tradicionais; trabalho e Saberes Tradicionais.

Abstract

The São Sebastião do Igapó Açu community is located within the Igapó Açu Sustainable Development Reserve Conservation Unit (RDS Igapó Açu), located on highway BR 319, in the municipalities of Borba, Manicoré and Beruri. Thus, the purpose of this article was to describe the historical aspects of the São Sebastião do Igapó Açu community. The methodology used was a case study. In the practice of data collection the socioeconomic forms were applied, aiming at the reality of the family structure, its main productive activities, commercialization of the product, technical assistance, form of work, among other considerations. From the results we present a historical retrospective of the community. The emergence, their way of life, their cultural manifestations, the oldest and most recent residents, their future prospects and their income activities, mainly, the collection, preparation and sale of brazil nuts. It is fundamental to describe and analyze the interrelationships between subsistence activities and the maintenance of forest sustainability.

Keywords: Traditional populations; Work and raditional Knowledge.

[1] Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas. E-mail: suanimorena@yahoo.com.br
[2] Professora Associada da Universidade Federal do Amazonas, Professora da Faculdade de Ciências Agrárias. E-mail: tecafraxe@uol.com.br
[3] Doutora em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA/UFAM. Manaus, Amazonas – Brasil. E-mail: mariliageoufam@gmail.com

INTRODUÇÃO

Historicamente a ocupação da região amazônica brasileira ocorreu com o emblema da integração e interação das comunidades (indígenas, ribeirinhos, quilombolas e colonizadores europeus) aos ditames do meio ambiente. Os homens e mulheres pioneiros na "dominação" da natureza na Amazônia foram os verdadeiros dominados, isso devido às limitações que a natureza impunha às atividades humanas.

A dimensão da floresta e as relações ecológicas acabam caracterizando subsistemas que, ou foram ocupados de maneira itinerante (Terra Firme), ou de maneira permanente (Várzea). As várzeas se apresentam o melhor ambiente para ocupação do homem. Os rios eram usados como estradas naturais. Pelo rio ocorria a ligação social entre as diversas comunidades. Era o comércio realizado pelo Regatão, as festas religiosas e pagãs que unia diversas comunidades em nome de uma tradição ou de uma fé. Os mutirões que ocorriam de acordo com o calendário agrícola de plantio e colheita, ou de acordo com as atividades extrativistas do látex, da castanha, de pesca, em especial da pesca do peixe boi e do pirarucu, fontes fundamentais de proteínas das comunidades, das fibras vegetais que passaram a ser cultivadas ou coletadas de forma comercial em meados do Século XX (FRAXE, 2004).

A Várzea representa a segurança em oposição à Terra Firme que representa o desconhecido. Apesar disso, as cheias foram um limitador que o homem amazônico aprendeu a conviver. A produção agrícola na Várzea se deu com os SAFs (Sistemas Agroflorestais), com cita Fraxe et al, (2009):

> "Os povos tradicionais da Amazônia possuem vasto conhecimento sobre o manejo dos SAFs e desenvolveram técnicas produtivas que garantiam e garantem o equilíbrio ecológico dos recursos naturais. "

Esses sistemas compreendem um conjunto de conhecimentos capazes de gerar alimentos e manter a comunidades de forma permanente na várzea. Não é só a produção agrícola que determina esses sistemas, mas o conjunto de vivências. As moradias são adaptadas às cheias (palafitas) e os animais ficam em currais flutuantes durante as cheias (marombas). O conhecimento das espécies vegetais e animais que permitem um complemento à agricultura através da coleta de raízes e frutos comestíveis e de animais que se podem caçar como fonte de alimento.

A ocupação da Terra Firme se deu de maneira mais lenta. Originalmente eram ocupadas por etnias que praticavam a agricultura itinerante através da técnica da

Mônica Suani Barbosa da Costa, Therezinha de Jesus Pinto Fraxe' Marília Gabriela Gondim Rezende.

coivara. Como culturas itinerantes, estas determinavam um território que circulavam, de acordo com a capacidade do solo. Conforme os nutrientes iam se exaurindo, a mandioca ia diminuindo de tamanho. O limite era a capacidade de produção de alimentos capaz de manter a população da comunidade. Essa territorialidade itinerante acarretou um sentimento de resistência contra possíveis migrações de outros grupos. Isso acabou acentuando a distinção entre os povos da Várzea e os povos da Terra Firme.

Durante o período de ocupação do poder político do Brasil por forças militares, ocorreu um intenso processo de ocupação que vai romper com a ordem estabelecida pelas comunidades tradicionais. Impulsionados por um projeto externo à região, novos atores se estabelecem em detrimento dos velhos atores. Novas relações ecológicas sobrepujam antigas relações ecológicas. Alguns conhecimentos extinguem-se, outros são absorvidos e outros são modificados de acordo com a voracidade do processo de modernização da nação.

No processo citado, populações migram tentando subtrair a velha política de defesa nacional. As migrações ocorrem em todas as escalas e em todas as direções. Principalmente do campo para as cidades começando assim o processo de macrocefalia urbana na Amazônia. Manaus e Belém se tornam metrópoles em pouco tempo. As ferramentas utilizadas foram as mais diversas. Algumas acentuavam os conflitos entre velhos e novos agentes. A "grilagem" torna-se prática comum para apropriação de áreas de floresta ou de expropriação de comunidades tradicionais. As estradas são as grandes "veias abertas" na floresta. A abertura das estradas é fundamental nos dois sentidos: para a chegada dos novos agentes e para saída dos recursos naturais. A rodovia Transamazônica é o principal projeto de intervenção.

Os projetos detentores de uma nova racionalidade se materializam nas chamadas Agropólis, Agrovilas e Rurópolis. Nesse processo, novas cidades aparecem. Novas comunidades se estabelecem, planejadas, em primeiro momento, espontâneas, logo em seguida. É um novo padrão de ocupação: rodovia-terra firme, como cita Rocha (2010):

> O urbanismo rural projetado e constituído por Rurópolis, Agrópolis e Agrovilas, e o povoamento espontâneo deram origem a uma nova estrutura de povoamento ao longo da rodovia Transamazônica e de forma perpendicular ao rio Xingu. Emerge um novo padrão de povoamento, o padrão rodovia - terra firme.

É dentro desse novo padrão de ocupação na Amazônia, rodovia-terra firme, sobre tudo que existia até então, que surgiu a comunidade São Sebastião do Igapó Açu, estabelecendo-se nas margens da BR 319.

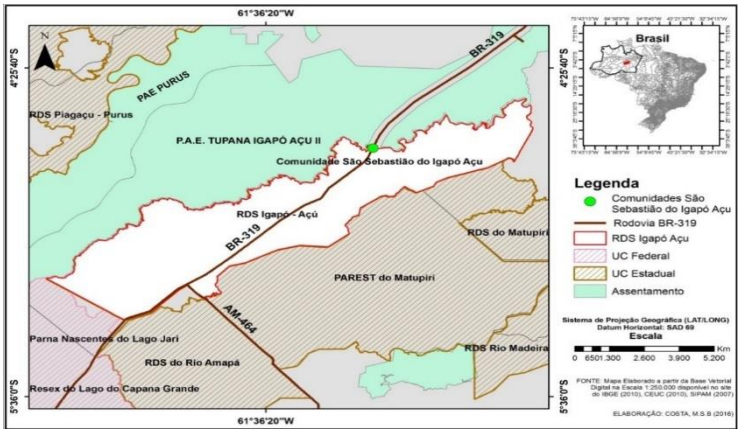
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa seguiu uma abordagem descritiva e exploratória. Segundo Gil (2008), a pesquisa descritiva tende a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Apresenta, em geral, a forma de levantamento. A pesquisa exploratória tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores, envolvendo levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso.

A metodologia utilizada na pesquisa foi a de estudo de caso. A escolha desse método justificou-se pelo fato do mesmo permitir uma análise profícua referente ao objeto que se pretendia analisar, facilitando o alcance dos objetivos pretendidos devido à natureza e qualidade do objeto de estudo, uma vez que, podemos definir este último como uma atividade inserida no contexto econômico, político e social. O "estudo de caso" permitiu obter generalizações a partir do aprofundamento dos resultados alcançados.

O presente trabalho foi desenvolvido na Comunidade São Sebastião do Igapó Açu (Figura 1), localizada na rodovia BR 319 na unidade de conservação Reserva de Desenvolvimento Sustentável Igapó Açu (RDS Igapó Açu), nos municípios de Borba, Manicoré e Beruri, onde foram selecionadas 11 famílias residentes da comunidade. Estes formulários foram aplicados junto às famílias nas suas casas. Na prática de coleta de dados foram aplicados os formulários socioeconômico objetivando a realidade da estrutura familiar, suas principais atividades produtivas, comercialização do produto, assistência técnica, forma de trabalho, entre outras considerações.

Figura 6: Localização da Comunidade São Sebastião do Igapó Açu na Unidade de Conservação da RDS Igapó Açu



Fonte: SIPAM, 2016.

Para a realização da análise dos dados das informações obtidas, foram elaboradas planilhas eletrônicas no programa do Excel onde foram tabuladas e formatadas, gerando gráficos em função principalmente das médias e das frequências obtidas com o cruzamento dos dados.

Segundo Yin (2005), os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo ‘como’ e ‘por que’, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real.

De acordo com Martins (2000), o estudo de caso permite uma análise aprofundada de pessoas ou eventos a serem estudados, permitindo se chegar a conclusões dos motivos e maneiras que estes acontecem. É o método mais eficaz para a análise de eventos sobre os quais a possibilidade de controle é reduzida ou quando os fenômenos analisados são atuais e só fazem sentido dentro de um contexto específico.

Já Godoy (2006) complementa que o estudo de caso é uma descrição do fenômeno que ocorre internamente bem delimitado, pelo qual o pesquisador volta-se em compreender os processos e fenômenos sociais em determinado contexto ou assunto, estabelecendo relação entre as variáveis disponíveis no objeto de estudo.

O caso em foco refere-se aos residentes da RDS Igapó Açu. Para analisarmos o caso dos residentes, que trabalham a descrição densa – etnografia segundo Geertz (1997). Para Geertz (1997) etnografia significa usar a práxis, ou seja, o senso comum, o saber local com o conhecimento.

Mônica Suani Barbosa da Costa, Therezinha de Jesus Pinto Fraxe' Marília Gabriela Gondim Rezende.

A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO DO IGAPÓ AÇU

A comunidade São Sebastião do Igapó Açu está localizada dentro da Unidade de Conservação Reserva de Desenvolvimento Sustentável Igapó Açu (RDS Igapó Açu), localizada na rodovia BR 319, nos municípios de Borba, Manicoré e Beruri. A comunidade possui 22 famílias com aproximadamente 200 pessoas, divididas entre as religiões católicas e adventistas. A comunidade (Figura 02) conta com a estrutura de escola, até o ensino fundamental, energia pública (luz para todos), barco e motor, campo de futebol, telefone público, capela e um centro comunitário onde acontecem as reuniões da Associação Comunitária de São Sebastião do Igapó Açu. Não há posto de saúde na comunidade, quando precisam de cuidados médicos, se deslocam até o município do Careiro Castanho. O hospital mais próximo da comunidade pode levar até 3 horas, dependendo das condições da estrada. Para o deslocamento geralmente contam com a ajuda de um dos moradores que possui uma pick up (SDS, 2013).

Partindo para a história da comunidade, percebe-se que essa está diretamente relacionada com a questão da conservação ambiental. As inter-relações, que foram sendo construídas no cotidiano de envolvimento com as práticas econômicas e de subsistência, ligadas aos produtos da floresta são a essência dessa história, e concomitante construção da territorialidade.

> A História não é somente a passagem dos acontecimentos, mas a sua reconstrução consciente na memória do grupo para as finalidades correntes. Assim definida, a História exerce um papel essencial no sentido humano de territorialidade e lugar(TUAN, 1980, p.156).

Figura 2: Nas imagens (A e B) Comunidade São Sebastião do Igapó Açu, localizada na RDS Igapó Açu



Fonte: COSTA, 2016

Mônica Suani Barbosa da Costa, Therezinha de Jesus Pinto Fraxe' Marília Gabriela Gondim Rezende.

A comunidade surgiu a partir de uma ocupação espontânea, como se percebe na fala do senhor José Santana[1] , 64 anos de idade e que tem 38 anos de moradia na comunidade. Este depoimento foi colhido em 2016, ou seja, o senhor José Santana chegou à comunidade em 1978 com 26 anos de idade.

> Aqui só tinha cinco casas, uma era do pai da Dona Mocinha. Era muito movimentado, tinha 03 tabernas, 01 restaurante. Antigamente o pessoal de Borba vinha muito caçar aqui e tirar madeira. A pesca sempre foi mais dos comunitários mesmo. (12/03/ 2016).

Pelo depoimento colhido, a comunidade dava suporte às pessoas que vinham da cidade de Borba para a prática da caça e do aproveitamento da madeira. Duas práticas que, em certa escala, são extremamente prejudiciais ao meio ambiente. Os poucos residentes da comunidade praticavam a pesca para alimentação.

Nilda Castro dos Santos (Dona Mocinha)[2] é uma das moradoras mais antigas, com tempo de moradia na comunidade de 36 anos. O pai de Dona Mocinha já possuía uma casa na comunidade. Com a construção da BR 319, a residência se tornou permanente, ou seja, a estrada atraiu a família para a comunidade, como relata a própria Dona Mocinha:

> Estavam iniciando a construção da estrada (BR 319), Estrada era boa, tinha transporte, não precisava, sair para vender lá fora, os compradores vinham aqui comprar. Haviam poucas casas, porém já existiam pessoas morando ao longo do Rio Igapó Açu, estas pessoas trabalhavam com a extração da sorva e do pau rosa. (12/03/ 2016).

São Sebastião do Igapó Açu também possui uma pousada pertencente a Dona Mocinha que atende à demanda dos viajantes que viajam pela BR 319. Essa comunidade é dividida pelo rio Igapó Açu e os viajantes só podem dar continuidade ao seu percurso depois de atravessar o rio em uma balsa, quando chegam à noite na comunidade, pernoitam e continuam a viagem no dia seguinte (Figura 03).

[1, 2] Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: O comunitário é informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da colaboração. Por isso, concorda em participar da pesquisa, sabendo que não vai ganhar nada. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada. Esta pesquisa foi realizada, segundo a Resolução nº196/96 Conselho Nacional de Saúde, na qual estabelecem diretrizes e normas reguladoras de pesquisas envolvendo seres humanos envolvidos na metodologia sob nº CCAE: 49472115.6.0000.5020.

A estrada é vista como a chegada de novas possibilidades. Nas entrevistas, esse aspecto torna-se explicito quando se pergunta: “O senhor(a) tem conhecimento sobre o asfaltamento da BR 319?” E “O que o senhor(a) acha desse assunto?” (perguntas utilizadas nas entrevistas com os comunitários) e as respostas se revelam esperançosas sobre o futuro: “Muito bom, vamos ter como vender a agricultura, todo mundo vai se animar pra vender.” (resposta dada pelo Senhora Doracy de Souza Dias[1]). Ao mesmo tempo, ocorre determinado receio com a chegada de novos atores: “Bom e ruim. Bom porque vai melhorar o transporte. Ruim porque vai passar tudo o que não presta.” (Resposta dada pelo Senhora Aldenora Prado de Assunção[2]). Toda a comunidade se divide nas atividades voltadas para práticas econômicas com destinação externa e atividades voltadas para a subsistência e para a comunidade. As atividades desenvolvidas como pesca, extrativismo e agricultura são exemplos dessas atividades destinadas para própria subsistência. O excedente dessas atividades internas também é comercializado, aumentando a renda das famílias.

Figura 3: (A) Pousada da Dona Mocinha; (B) Balsa, meio de transporte para atravessar o rio Igapó Açu.



Fonte: COSTA, 2016.

Como é costume nas comunidades ribeirinhas, a fé católica é predominante (SDS, 2013). As procissões e os cultos dominicais são grandes atos que costumam reunir grande parte da comunidade. Nesta, há uma igreja católica (Figura 04) que é dividida com os comunitários que professam a religião adventista do sétimo dia. A

[1,4] Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: O comunitário é informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da colaboração. Por isso, concorda em participar da pesquisa, sabendo que não vai ganhar nada. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada. Esta pesquisa foi realizada, segundo a Resolução nº196/96 Conselho Nacional de Saúde, na qual estabelecem diretrizes e normas reguladoras de pesquisas envolvendo seres humanos envolvidos na metodologia sob nº CCAE: 49472115.6.0000.5020.

Mônica Suani Barbosa da Costa, Therezinha de Jesus Pinto Fraxe' Marília Gabriela Gondim Rezende.

maioria da comunidade professa a fé católica, mas os adventistas vêm conquistando cada vez mais adeptos. Dentre as principais atividades religiosas, praticadas semanalmente há os cultos dominicais, louvores, socialização do evangelho e demais atividades litúrgicas. A religião convive cotidianamente com o misticismo da floresta. O medo que os contos de diversas lendas trazem, principalmente nas crianças, está presente no cotidiano. A floresta traz o mito da magia intrínseca a sua ecologia.

O próprio conhecimento do uso de ervas para cura de doenças cotidianas é percebido, pela comunidade, como um conhecimento mágico e que todos respeitam.

Figura 4: Igreja católica (A e B) da comunidade São Sebastiao do Igapó Açu.



Fonte: COSTA, 2016.

O espaço da comunidade São Sebastiao do Igapó Açu caracteriza-se como espaço de vida e de interação com a estrada BR 319, onde ocorrem os fluxos e fixos[1]. A floresta aqui é vista como fixo e fluxo, (incluindo os lagos, rios, igarapés e paranás), onde ocorre a interação com a natureza. A ênfase de análise é dada na relação dos fluxos com os fixos, nas "permanências efêmeras" e nas "inércias dinâmicas". Santos (1980) apud Santos (2001, p.92), diz:

> Em cada lugar, pois, o tempo atual se defronta com o tempo passado, cristalizado em formas. Para o tempo atual, os restos do passado constituem aquela espécie de "escravidão das circunstâncias anteriores" de que falava John Stuart Mill. É nesse sentido que falamos da *inércia dinâmica* do espaço.

[1]Para Milton Santos (1994:77), "a análise dos fluxos é às vezes difícil, pela ausência de dados. Mas o estudo dos fixos permite uma abordagem mais cômoda, através de objetos localizados: agencias, de correios, sucursais bancárias, escolas, hospitais, fábrica... Cada tipo de fixo surge com suas características, eu são técnicas e organizacionais. É desse modo a cada tipo de fixo corresponde uma tipologia de fluxos. Um objeto geográfico, um fixo, é um objeto técnico mas também um objeto social, graças aos fluxos". Fixos e fluxos interagem e se alteram mutuamente

É o espaço com endereço, com personalidade e com vida. É o espaço da fantasia e da realidade; do imaginário e do físico-empírico; do místico e do mítico.

Mobilidade, Meio de Transporte e Composição da Renda

A compreensão do que seja mobilidade é a capacidade dos indivíduos se moverem de um lugar para outro, que depende da performance do sistema de transporte, da hora do dia e da direção na qual o indivíduo pretende viajar, bem como das características individuais, tais como renda, propriedade de veículo, recursos que se pode gastar na viagem, sexo, idade, etc (TAGORE e SKIDAR, 1995).

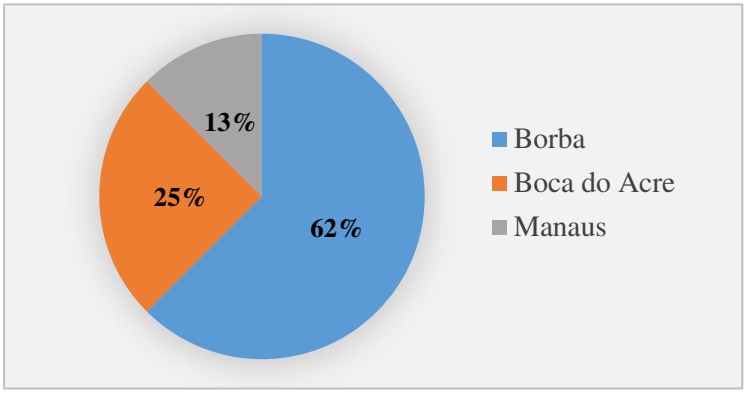
Para o entendimento da mobilidade dos comunitários, faz-se necessário uma divisão conceitual: a mobilidade relativa à origem dos habitantes e a mobilidade realizada ao longo do cotidiano. A primeira reflete de onde vieram as pessoas que compõem as unidades familiares e a segunda os deslocamentos diários.

A comunidade apresenta um total de vinte e duas famílias, com duzentos habitantes. Desse total, a pesquisa abrangeu um universo de cinquenta por cento dos lares.

Considera-se a comunidade São Sebastião do Igapó Açu uma comunidade jovem que surgiu a partir da implantação da estrada. A segunda geração nascida na comunidade são crianças de zero a quinze anos. A primeira, são adultos jovens que, ou estudam e trabalham fora, ou trabalham junto com seus pais que são migrantes de Borba, Boca do Acre e Manaus como apresenta os dados na figura 05.

Na entrevista realizada com os comunitários perguntou-se sobre a origem dos entrevistados, ou seja, sobre suas origens antes de virem para a comunidade. Os residentes responderam que são oriundos dos municípios de Borba (62%), Boca do Acre (25%) e Manaus (13%) do Estado do Amazonas (Figura 05). Diversos motivos fizeram os residentes se deslocarem para a comunidade São Sebastião do Igapó Açu, ou seja, os motivos de atração migratória. Dentre eles, de acordo com os depoimentos são: acompanhamento da família, atividade de pesca e extração de castanha, agricultura e melhores condições de vida e saúde. Todos os motivos citados trazem como aporte a estrada.

Figura 5: Mobilidade dos residentes na comunidade São Sebastião do Igapó Açu na UC Igapó Açu



Fonte: COSTA, 2016.

O deslocamento na região amazônica dá-se por uma temporalidade diferente das demais regiões do Brasil. Não existe pressa quando o rio é a principal via de deslocamento. Os diversos paranás, furos, igarapés e, principalmente, os meandros dos rios deixam as localidades que, próximas em uma linha reta, ficam distantes seguindo o percurso do rio.

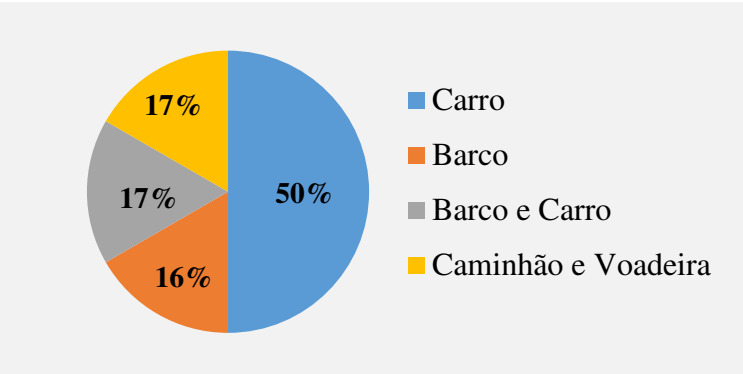
Dessa forma, atividades que na cidade são realizadas todos os dias e, até mais de uma vez por dia, na comunidade ocorre uma vez por semana, por mês ou até em intervalos maiores (alguns entrevistados relataram que vão em Manaus uma vez a cada semestre do ano). Quanto aos motivos dessa mobilidade "diária", por assim dizer, estão ligados a fonte de renda (pescar, caçar, coletar açaí e outros produtos da floresta, vender o peixe, coletar castanha e vender a castanha); a saúde (fazer exame e consulta médica); para a educação (assistir aulas da faculdade, de curso e da escola); rever familares (filhos, irmãos, amigos e outros parentes); outros citaram a busca dos benefícios da seguridade social (bolsa família, seguro defeso, salário e aposentadoria).

Os meios de transporte utilizados na comunidade são variados, devido aos distintos usos que lhe são atribuídos. Os comunitários de São Sebastião do Igapó Açu, para se deslocarem até o município do Careiro Castanho e de Manaus, precisam utilizar serviço de barco fretado ou utilizar carro dos residentes (Figura 06). O carro (50%) é usado para o deslocamento para os municípios distantes. Além desses transportes, há também o caminhão e a voadeira que geralmente são lanchas de alumínio com capacidade mínima de 04 pessoas para as atividades relacionadas a pesca, a canoa

Mônica Suani Barbosa da Costa, Therezinha de Jesus Pinto Fraxe' Marília Gabriela Gondim Rezende.

e a bicicleta. Além disso, ocorre longos deslocamentos a pé tendo como objetivo principal a caça.

Figura 6: Principais meios de transporte utilizados pelos residentes moradores UC Igapó Açu



Fonte: COSTA, 2016.

Para caracterizar os residentes da comunidade São Sebastião do Igapó Açu foram elencadas as atividades econômicas e outras fontes que compõem a renda familiar, e o quanto essas fontes representam para as famílias. Diante desse contexto, destaca-se o extrativismo (36%) e a pesca (29%) apresentando as principais atividades produtivas de importância econômica da comunidade. O peixe é um produto de relevância para a comunidade, pois a prática pesqueira não é somente para a comercialização, é uma forma de geração de renda e sustento dos moradores. O peixe é a principal fonte de proteínas da comunidade. O peixe mais consumido, pescado e vendido é o tucunaré (*Cichla* spp).

Além desses, ocorre a pesca do jaraqui (Semaprochilodus taeniurus), sardinha (Sardinella brasiliensis), surubim (Pseudoplatystoma fasciatum) e pacu (Piaractus mesopotamicus), todos para o consumo e venda. A pesca continua sendo uma fonte de renda fundamental para os comunitários, só é superada pelo extrativismo. Antes, de acordo com depoimento do Senhor France de Assunção Correa: "Melhorou, mas, antes a gente passava 6 meses pescando, 6 meses", ou seja, para esse comunitário, a pesca já foi mais importante na vida da comunidade. Esse sentimento reflete uma realidade de diversas atividades praticadas pelos moradores.

A agricultura é uma atividade que se destaca, pois complementa todas as outras atividades. O principal produto é a mandioca (*Manihot esculenta*). Essa aparece na mesa do comunitário na forma de farinha acompanhando o frango e o peixe. A mandioca é totalmente transformada em farinha. A maioria das famílias possuem os fornos para

Mônica Suani Barbosa da Costa, Therezinha de Jesus Pinto Fraxe' Marília Gabriela Gondim Rezende.

torrar a farinha e os remos para mexer. A produção é uma tarefa familiar. Todos os membros se revezam na produção. As famílias que não tem o equipamento, ou utilizam o do vizinho, ou compram a farinha do mesmo (Figura 06). A produção familiar trabalha com um diversificado elenco de produtos, cultivados e/ou explorados nas unidades produtivas, seja para a subsistência, seja para o mercado incluindo produtos alimentares como frutas, olerícolas e pescado, produtos extrativos vegetais, criação de pequenos animais (PARENTE, 2003).

Figura 6: Produção de farinha (A e B) comunidade São Sebastiao do Igapó Açu.

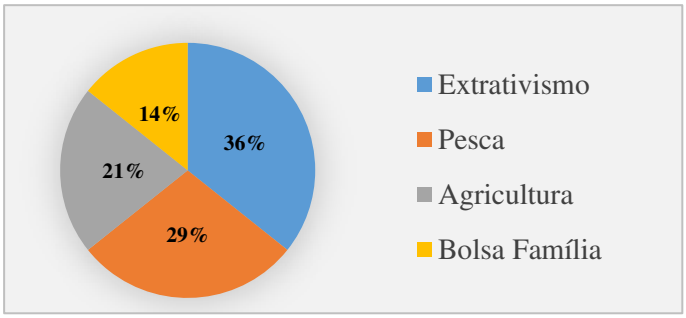


Fonte: COSTA, 2016.

Algumas famílias criam galinha, mas, a maioria compram o frango na mercearia localizada na comunidade. Na comunidade São Sebastião do Igapó Açu, a agricultura é considerada a terceira maior atividade econômica desenvolvida pelas famílias (na geração de renda). Podemos observar que das 11 famílias estudadas cerca de 21% das famílias possuem roças. Eles plantam, além da mandioca, a palmeira do açaí, da pupunha e do tucumã. Nos quintais ocorre, principalmente a goiabeira. As famílias mantém pequenas hortas onde produzem tomate, coentro, cebolinha, alface e pimenta.

A caça, de todas as atividades, é a menos praticada, poucos comunitários a realizam. A principal caça é a cutia (*Dasyprocta*), em seguida da paca e tartaruga. Os animais são consumidos em forma de carne "fresca". Caso ocorra sobras, como as residências possuem energia elétrica, fruto do projeto do governo chamado de "luz para todos", mantêm-se nas geladeiras. Não verificou-se o processo de salga ou outra forma de conservação tradicional.

Figura 7: Composição da renda das famílias da comunidade São Sebastião do Igapó Açu

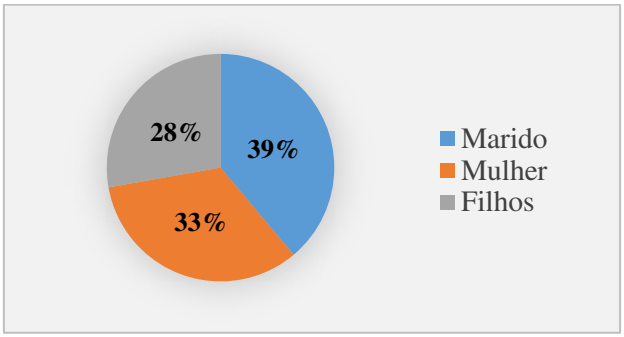


Fonte: COSTA, 2016.

O extrativismo é a principal atividade, e compreende quase cinquenta por cento da renda dos comunitários (36 %), como apresenta o gráfico da figura 07. Essa atividade é bem diversificada. Eles coletam como principal produto a castanha, seguido do açaí (Euterpe oleracea) e do buriti (*Mauritia flexuosa*). Além desses produtos ocorrem outros em menor escala: bacaba (*Oenocarpus bacaba*), tucumã (*Astrocaryum aculeatum*), pupunha (*Bactris gasipaes*), andiroba (*Carapa guianensis*), cumaru (*Dipteryx odorata*), ingá (*Inga* edulis), patauá (*Oenocarpus bataua*), uixi (*Endopleura uchi (Huber) Cuatrec*), copaíba (*Copaifera langsdorffii*) e piquiá (*Caryocar brasiliense*). O açaí (*Euterpe oleracea*) e o buriti (*Mauritia flexuosa*). São plantadas e selecionadas. As palmeiras mais antigas são arrancadas para dar lugar às novas. Outro aspecto relevante é que todos os produtos são contribuintes das mesas dos residentes. A castanha-do-brasil, apresenta-se como uma exceção, pois é quase que 100% comercializada.

Os comunitários identificam-se com a atividade do extrativismo e a reconhecem como principal atividade: do universo pesquisado, 36% responderam que praticam o extrativismo como tarefa principal de geração de renda, seguido de pesca 29%, agricultura 21% e bolsa família com 14% (Figura 07).

Figura 8: Participação dos membros familiares na atividade do extrativismo.



Fonte: COSTA, 2016

As atividades realizadas na comunidade, acontecem através do trabalho familiar. A família é uma unidade de produção. A pesca, o extrativismo e a agricultura são atividades coletivas realizadas, quase sempre, em grupo. O marido, a mulher e os filhos. No extrativismo, das famílias pesquisadas, 39% dos maridos trabalham nessa atividade, 33% das mulheres e 28% dos filhos. Ressalta-se que, mesmo quando não participam do extrativismo, a mulher e os filhos realizam tarefas na pesca e/ou na agricultura (Figura 08). As mulheres são indispensáveis na unidade familiar de produção e consumo, significa o balanço da unidade familiar (WITKOSKI, 2010). A presença feminina pode ser observada em todos os setores da comunidade rural e da unidade familiar de produção, quer no trabalho reprodutivo, produtivo ou na gestão dos recursos naturais (GEHLEN,1997).

A IMPORTÂNCIA DAS FLORESTAS: TRABALHO E SABERES TRADICIONAIS

As populações tradicionais da Amazônia têm na floresta um meio de produção e subsistência. Possuem vasto conhecimento das espécies que compõem este ambiente. A geografia amazônica faz parte do cotidiano do ribeirinho. É nessa geografia em que constrói o seu mundo vivido e sua identidade. De acordo com Fraxe (2004, p 52): “A identidade, ou melhor, a ‘identificação dos ribeirinhos’, é a partir de seu mundo vivido”. Na floresta, eles extraem alimentos, fibras e ervas medicinais para uso próprio e também pra comercialização. É equivalente ao observado por Fraxe, em seu livro “Mitos, lendas e transculturalidade”.

Mônica Suani Barbosa da Costa, Therezinha de Jesus Pinto Fraxe' Marília Gabriela Gondim Rezende.

> as comunidades caboclas-ribeirinhas investigadas, comprova-se, de forma complementar e simultânea, a combinação de duas atividades econômicas: produção de meios de vida e produção de mercadorias. (FRAXE, 2004, p 119).

A unidade produtiva se extende por uma vasta área que envolve a comunidade e seu entorno, inclusive os caminhos da floresta onde se pratica o extrativismo e a caça. A produção é familiar, ou seja, toda a família participa dos trabalhos, seja na pesca, seja na lavoura ou outras atividades. As diversas atividades de produção caracterizam-se como trabalho camponês, de acordo com Witkoski (2010):

> O extrativismo, nos dias atuais, para os camponeses amazônicos, não mais se confugura como o único ou principal componente da produção, como o havia sido, à época, o látex ou o cacau. O extrativismo – seja ele vegetal ou animal (caça e pesca) – comparece à unidade de produção familiar camponesa associado, de modo intrísico, à agricultura de corte e queima, à pequena criação de animais, cuja principal finalidade é a subsistência e, depois, à comercialização. Ele deixa de ser, igualmente, extrativismo de um só produto, para ser exercicido de modo diversificado. (p. 254)

Os moradores mais velhos do lugar fazem questão de enfatizar que não trocam a comunidade por outro lugar e que apesar dos problemas enfrentados, buscam na "terra" o sustento da família. Percebe-se que estes possuem um laço de afetividade com o espaço vivido.

O cotidiano, os afazeres diários, são os alicerces para construção de uma territorialidade comunitária. Essa construção é fundamental, conjuntamente com o sentimento de pertencimento ao grupo social que o comunitário faz parte, realiza-se pela experiência sensitiva. Para Sack (1986):

> A territorialidade está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar. (p. 2)

A topofilia (amor ao lugar), conceito de Tuan (1980), define territorialidade como sendo "o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico". As experiências são fundamentadas por conjuntos de percepções de/no mundo:

Para o entendimento do conceito de cotidiano, Certau (2003) explica que:

> O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente." ... "O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos,..." (...) "É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. (p.31)

Mônica Suani Barbosa da Costa, Therezinha de Jesus Pinto Fraxe' Marília Gabriela Gondim Rezende.

Os saberes da floresta que culminam com os sabores experimentados nas refeições. Os sons da mata que se distingue dos sons da comunidade, esses ligados a estrada e a cidade, aqueles ligados a floresta e a natureza.

Por meio das entrevistas com os comunitários foi possível observar o quanto os mesmos têm recordações que, ao serem lembradas, remete-se a saudade do tempo vivido. As memórias dos comunitários, quando de suas chegadas, estão ligadas a estrada, como percebe-se nos depoimentos colhidos nas entrevistas com a pergunta "Como era a comunidade quando o(a) Senhor(a) chegou aqui?"

> **"**A paisagem continua, não mudou. O que mudou foi à trajetória do povo, a estrada quando cheguei era pretinha. Antes passava ônibus. A estrada ficou funcionando 07 anos, até 1980." (Sulamita Assunção da Fonseca[1], 2016)
>
> "Aqui só tinha cinco casas, uma era do pai da Dona Mocinha. Era muito movimentado, tinha 03 tabernas, 01 restaurante. Antigamente o pessoal de Borba vinha muito caçar aqui e tirar madeira. A pesca sempre foi mais dos comunitários mesmo" (José Santana[2], 2016)
>
> "Era muito bom, tinha ônibus pra Porto Velho, pra Manaus" (Sebastião da Costa Queiroz[3], 2016)
>
> "Era muito bonito, nunca faltava ônibus, era movimentado. Eu sempre fazia parto" (Therezinha Alves da Silva[4], 2016), Parteira da comunidade.
> "A condição da estrada era boa, tinham acesso ao comércio na própria comunidade através dos atravessadores, não havia muitos moradores" (Antonio Batista de Assunção[5], 2016)

A comunidade percebe a floresta como um ser vivo. Desse emana um poder, uma força vital que a todos impregna. Da floresta vem o sustento, o alimento e o remédio. Vem, também, o medo, o perigo, a morte e o desconhecido. Nenhum

[1,7,8,9,10] Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: O comunitário é_informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da colaboração. Por isso, concorda em participar da pesquisa, sabendo que não vai ganhar nada. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada. Esta pesquisa foi realizada, segundo a Resolução nº196/96 Conselho Nacional de Saúde, na qual estabelecem diretrizes e normas reguladoras de pesquisas envolvendo seres humanos envolvidos na metodologia sob nº CCAE: 49472115.6.0000.5020.

comunitário pratica qualquer ação que desconheça os impactos ou que saiba que provocaria um impacto negativo na mata. Os mitos são representativos dessa atitude. O respeito aos animais caçados e a mágica do panema são fundamentos que regulam o relacionamento do homem caboclo e a floresta. Panema é o azar na caça que tem origem na vida social da comunidade. De acordo com Fraxe (2004):

> Panema é comumente definida como "falta de sorte", "azar", infelicidade", e foi com esse sentido incorporada ao vocabulário popular do Norte. Incapacidade, acredito, traduz melhor a ideia ou conceito desta crença. Não é apenas uma falta de sorte ou infelicidade ocasional, porém, uma incapacidade temporária que aflige o indivíduo ou objeto, um processo cujas causas e sintomas podem ser determinados e são conhecidos. Um pescador ou caçador cujo insucesso repetido não pode ser explicado por causas ou circunstâncias que ele considera "naturais", a época imprópria, a qualidade de seus petrechos etc., atribuirá o fracasso à *panema*, sua própria, de sua linha, carabina ou que outros objetos esteja usando. O cachorro que o acompanha na mata, a canoa que em que se transporta podem ficar *panema*. (FRAXE, 2000)

Outro aspecto relevante sobre a panema é a relação com o sexo feminino. A conversa com mulheres durante o caminho para a caça é evitado, pois, caso a mulher esteja em seu período menstrual, o caçador terá azar na caça. Como cita Fraxe (2004), tanto o caçador, quanto qualquer utensílio usado na caça podem ficar panema, inclusive o cachorro. Esse mito não está somente relacionado a caça, também se refere a pesca. Conforme relatos dos comunitários, caso a mulher esteja em seu ciclo mestrual, não poderá ir pescar e, nem mesmo subir na canoa, pois essa pode ficar panema.

Conjunto a panema existe uma série de mitos que compõem a vida mítica e mística dos moradores da comunidade de São Sebastião do Igapó Açu. Mitos esses que se repetem em toda região amazônica. Alguns animais, como o boto, trazem uma vasta lista de mitos. Esse animal, para o repertório popular da região, é um animal mágico capaz de se transformar em homem e seduzir as mulheres em noites enluaradas e festivas. Aos órgãos genitais do animal fêmea é dado o poder da conquista. Esse mito é extremamente impactante para os animais pois é retirado o órgão da fêmea, sendo esse torrado e moído para ser usado como pó do amor mágico. Tais práticas já não são mais realizadas pelos comunitários, pois, segundo relatos coletados durante as entrevistas, o papel deles é preservar o ecossistema e não degradar. Esse posicionamento foi construído em parte com a participação da Universidade Federal do Amazonas, por orientações dos pesquisadores em diversas palestras e oficinas de manejo dos recursos

florestais e preservação ambiental. A pesquisadora participou efetivamente, durante a semana do meio ambiente, em oficinas e palestras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados analisados nessa pesquisa trazem algumas considerações sobre a comunidade de São Sebastião do Igapó Açu. A comunidade é jovem, vivendo a terceira geração que ainda são crianças de zero a quinze anos. Os pioneiros são imigrantes oriundos de Borba, Boca do Acre e Manaus, o mais antigo morador vive a 36 anos na comunidade. O motivo que atraiu os pioneiros foram variados, mas todos tem como fundo a implantação da estrada BR 319.

O homem caboclo, para viver em harmonia com a floresta, necessita viver em um grupo social e comunitário. As atividade voltadas para a subsistência e de geração de renda realizam-se através do trabalho familiar e camponês.Todos os membros da família praticam algum tipo de atividade produtiva: pesca (com participação maior dos homens), caça (todos os entrevistados relataram que caça é trabalho do homem), agricultura (com participação de toda a família), quintal e horta (praticamente trabalho feminino) e extrativismo (também, de toda a família).

Sobre a pesca e a caça, os residentes percebem que, com a criação da unidade de conservação, muitos barcos externos à comunidade deixaram de entrar e explorar o extrativismo na área, em torno da comunidade. Isso, na percepção deles, trouxe um aumento da capacidade extrativa dos rios e dos lagos, além dos animais para caça. Como nas palavras do Senhor Antônio “Hoje tem mais caça e pesca.”, ou nas palavras do Senhor France “Mudou quase 100% para melhor. Antigamente tinha muita exploração, hoje tem regras, aumentou os animais de caça.”

A respeito do extrativismo da castanha-do-brasil, do açaí e de outros produtos, percebe-se que, para os comunitários, houve uma melhora na prática extrativa, em todos os sentidos (comercialização, produtividade, melhorias, técnicas e apoio) após a criação da unidade de conservação. Além disso, orientações realizadas por membros da Universidade Federal do Amazonas, sobre plantio e coleta das palmeiras e das castanhas, aumentou e facilitou o trabalho.

Sobre o asfaltamento no trecho do meio da BR 319 percebe-se uma apreensão e expectativas. Expectativas quanto às possibilidades de vender os produtos do extrativismo de maneira mais fácil e apreensão pela vinda de pessoas desconhecidas,

Mônica Suani Barbosa da Costa, Therezinha de Jesus Pinto Fraxe' Marília Gabriela Gondim Rezende.

como se percebe na fala do Senhor Antônio, morador entrevistado: “Muito bom, vamos ter como vender a agricultura, todo mundo vai se animar pra vender” (Sra. Doracy) e da Senhora Aldenora: “Bom e ruim. Bom porque vai melhorar o transporte. Ruim porque vai passar tudo o que não presta”.

A questão do trabalho da mulher é representada como secundária no discurso dos residentes, coletado através da pesquisa: O Senhor Jorge Nildo dos Santos, sobre o questionamento de quem participa das atividades que geram renda e para subsistência, nos fala que “Mulher é o trabalho mais caseiro, os outros ajudam na caça e na pesca”. Dona Doracy de Souza respondeu “As mulheres cuidam da casa, os homens capinam, roçam e pescam”. A participação feminina nas atividades econômicas varia de família. De maneira geral, as mulheres participam da roça, cuidam do quintal e da horta, pescam e realizam todas as atividades domésticas (lavagem de roupa, cozinhar as refeições, cuidar das crianças, limpeza da casa entre outras atividades ligadas ao lar). Os relatos dados nas entrevistas são elucidativos: “As mulheres cuidam da casa, os homens capinam, roçam e pescam.” (Sr. France); “Todos trabalham na pesca” (Sr. Sebastião). Na realidade, ocorre uma grande diversidade nas funções que cabem as mulheres, variando de família para família. “Eu e o marido trabalhamos na roça” (Dona Therezinha). “Todos trabalham na pesca” (Sr. José Santana).

A comunidade São Sebastião do Igapó Açu, tem sua história ligada à implantação da BR 319. Sempre dividiu seu espaço de referência simbólica entre o rio, a mata e a estrada. A criação da Unidade de Conservação foi uma das medidas mitigadoras dos impactos ambientais que a estrada já provocou e que ainda irão surgir em futuro próximo, principalmente durante e após o asfaltamento do trecho do meio. Os comunitários, que em sua maioria (100% do universo entrevistado, que compreendeu 50 % dos domicílios da comunidade), tem sua vinda para a comunidade ligada à atração da BR 319. Mesmo assim, a questão do asfaltamento traz incertezas, esperanças e método que possa vir junto.

REFERENCIAS

CERTEAU, Michel. GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano:** 2. Morar, cozinhar. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FRAXE, T. J. P. **Homens Anfíbios**: Etnografia de um Campesinato das Águas. São Paulo: Annablume, 2000.

Mônica Suani Barbosa da Costa, Therezinha de Jesus Pinto Fraxe' Marília Gabriela Gondim Rezende.

_____**Cultura cabocla-ribeirinha**: mitos, lendas e transculturalidade. São Paulo: Annablume, 2004.

FRAXE, T. J. P.; CASTRO, A. P., SANTIAGO, J. L.; MATOS, R. B.; PINTO, I. C. **Acta Amazônica**. vol. 39(2) 2009: 279 – 288

GEERTZ, **O Saber Local**: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa. 2 ed. Rio: Vozes, 1997.

GEHLEN, V. **Cidadania e gênero**: o caso do planejamento de projetos de desenvolvimento rural PAPP/PE. Recife, 1997. Relatório de pesquisa.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 1994. 206p.

GODOY, C. K.; MELLO, R. B.; SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais.** São Paulo: Saraiva, 2006.

MARTINS, G. A. **Manual para elaboração de monografia e dissertações**. 2.ª Ed. São Paulo: Atlas S. A., 2000. 116 p.

PARENTE, V. M. **A economia da pequena produção na várzea: sobrevivência das famílias ribeirinhas In: Sistemas Abertos Sustentáveis - SAS:** uma alternativa de gestão ambiental na Amazônia. Fabré, N. N.; Ribeiro, M. O. A. (Org). Manaus: EDUA, 2003. p. 179-194.

ROCHA, G. M., **Revista Movendo Ideias ISSN**: 1517-199x Vol. 15, Nº 1 - janeiro a junho de 2010.

SACK, R. **Human Territoriality**. Cambridge, Cambridge University Press. 1986.

SANTOS, Milton. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. Por uma Geografia Nova. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. MetafoMetamorfoses do espaço habitado. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1980.

Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. AMAZONAS (Estado). **Plano de Gestão da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Rio Igapó**. Manaus: Centro Estadual de Unidades de Conservação, 2013. 299 p.

TAGORE, M.R.; SIKDAR, P.K.1995. **A new accessibility measure accounting mobility parameters**. Paper presented at 7 th World Conference on Transport Research. The University of New South Wales, Sydney, Austrália.

TUAN, Yu-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

WITKOSKI, A. C. **Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais.** Manaus: 2.Ed. da UFAM, 2010. 484p.

YIN, R. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2a ed. Porto Alegre: Bookman; 2005.